

Tracy Chevalier, *A Moça Com Brinco de Pérola*, Bertrand Brasil, 2005

A intensa sensibilidade, a sutileza das emoções fortes e a imersão no cotidiano de pessoas comuns são os traços marcantes que Tracy Chevalier apresenta nesta reconstrução histórica. Toda a trama é imaginada a partir de apenas uma pequena tela de Vermeer, a *Moça Com Brinco de Pérola*. Pouco se sabe da vida deste que é considerado hoje como o segundo mais importante pintor holandês (depois de Rembrandt).

Vermeer (1632 – 1675) nunca saiu de sua pequena cidade natal, Delft, onde encontrou um modesto mercado para sua pintura de gênero (de cenas do cotidiano). Protestante, converteu-se ao catolicismo para se casar com Catharina Boners, com quem teve quinze filhos. Suas telas são primorosas pela intimidade e elegante luminosidade que emana de atividades triviais de pessoas anônimas, serviços quase sempre. O ambiente luminoso, a variedade de texturas e o equilíbrio das cores conferem a seus personagens um toque de dignidade e profundidade psicológica. Para o historiador da arte E. H. Gombrich, “Vermeer pintou naturezas-mortas com seres humanos”.

São conhecidos apenas 35 telas de Vermeer, que morreu aos 43 anos, deixando sua família em tal penúria que obrigou sua esposa a pagar com quadros as contas da padaria e do açougueiro. Curiosamente, sua obra não evidencia nenhum traço da agitada época que a Holanda vivia, afundada em ódio, fanatismo e violência que dividia a Europa na Guerra dos Trinta Anos (1618 - 1648). A Holanda se tornava uma potência dos mares, alimentada por uma próspera burguesia financeira e industrial. Neste período até o Brasil passou ao domínio holandês, em Pernambuco (1630 – 1654). Suas telas, porém, evocam tranquilidade, harmonia, sensibilidade, elementos que atraíram a autora, resultando num livro que parece escrito com as pinceladas de Vermeer. Como afirmou, Marcel Proust, em *Em Busca do Tempo Perdido*, “Vermeer era um enigma numa época em que nada se parecia com ele, nem o explicava”.

Há quem afirme que a *Moça* desta tela foi uma das filhas mais velhas do pintor, mas nada se pode afirmar sobre isto. Vermeer esteve esquecido por quase duzentos anos até ser resgatado, em 1866, pelo crítico francês Theophile Thoré Burger e servir de inspiração aos impressionistas, fascinados com tratamento da luz nas telas do holandês. Em 1986, a tela *Mulher Escrevendo Carta* foi avaliada entre 50 e 100 milhões de dólares, quando acabava de ser roubada de uma coleção particular na Irlanda. A tela foi recuperada em 1993 pelo agente secreto da Scotland Yard, Charles Hill (Um ano depois, este mesmo agente recuperaria a tela *O Grito*, furtada da Galeria Nacional de Oslo).

O filme baseado no livro de Chevalier teve o mérito de editar a imagem de tal maneira que pudesse pelo menos evocar a técnica do pintor. O livro, no entanto, é mais esclarecedor, tanto no que diz respeito aos últimos dias de Vermeer, quanto ao que se refere aos pais de Griet, a jovem doméstica da casa dos Vermeer. Ela teria sido a modelo da tela, usando os brincos da esposa, por sugestão da sogra. É simplesmente brilhante a descrição das cores e das formas desta tela.

É emocionante observar como o turbante amarelo e azul (incomum para a época) acentuou os traços delicados do rosto de Griet, antes ocultado por uma touca de empregada. É estimulante desfrutar do resultado alcançado pelo equilíbrio do lado mais luminoso da tela, à esquerda, com o lado mais obscuro, à direita, através de um brinco inserido na orelha esquerda, que duplica a luz intensa, doce e enigmática dos olhos de Griet. Seus lábios vermelhos, úmidos e entreabertos, deixam transparecer algo da brancura dos seus dentes. Assim construída, a imagem ganha um mistério adicional pelo leve deslocamento do rosto e do olhar à esquerda em direção ao observador. Espantada com o próprio retrato, Griet declara ao seu atraente patrão: “Você viu a minha alma!!”.

João Pedro Ricaldes, janeiro de 2007

Arte & Literatura – Excerto

Tracy Chevalier, A Moça Com Brinco de Pérola, Bertrand Brasil, 2005.

Páginas 185-203 (O quadro, as pérolas, os amores)

- Gostaria que eu pintasse você com seu pano de limpeza?

- Não sou eu quem deve dizer, senhor. O quadro não é meu.

Ele franziu o cenho.

- Não, não é - concordou como se falasse consigo mesmo.

- Não quero que me pinte com meu pano - falei, sem saber que ia conseguir.

- Não, não, tem razão, Griet. Não pintaria você com um pano na mão.

- Mas não posso usar as roupas de sua esposa.

Fez-se um longo silêncio.

- Não, espero que não. Mas não vou pintar você como criada - decidiu.

- Então como o quê, senhor?

- Vou pintar como vi você pela primeira vez, Griet. Só o rosto.

Colocou uma cadeira perto do cavalete, de frente para a janela do meio e sentei-me. Sabia que aquele seria o meu lugar. Ele ia encontrar a pose que me mandara fazer um mês antes, quando resolveu me pintar.

- Olhe pela janela - disse.

Olhei para aquele dia cinzento de inverno, lembrei-me de quando fiquei no lugar da filha do padeiro, tentei não ver nada e deixar meus pensamentos se acalmarem. Foi difícil porque estava pensando em duas coisas: nele e em mim, sentada na frente dele. O sino da Nova Igreja deu duas badaladas.

- Agora, vire o rosto bem devagar para mim. Não, os ombros, não. Deixe o corpo virado para a janela. Mexa apenas a cabeça. Devagar, devagar. Basta. Mais um pouquinho, pare.

Fique assim. Fiquei. Primeiro não conseguia olhar para ele. E quando olhei foi como sentar perto de uma lareira que solta fagulhas. Passei a olhar seu queixo firme, seus lábios finos.

- Griet, você não está olhando para mim. Fiz força para olhá-lo. De novo senti como se eu estivesse queimando, mas agüentei: ele queria que eu olhasse.

Logo ficou mais fácil olhá-lo. Ele me olhava como se não me visse, como se eu fosse outra pessoa, ou outra coisa, como se olhasse um quadro. Ele está olhando a luz que bate no meu rosto, pensei, e não para o meu rosto. Essa é a diferença. Era quase como se eu não estivesse lá. Quando senti isso, consegui relaxar um pouco. Como ele não estava me vendo, eu não o via. Minha cabeça começou a divagar: lembrei-me do coelho-no-pote que havíamos comido no jantar; da gola de renda que Lisbeth me dera; da história que Pieter, o filho, me contara um dia antes. Depois, pensei em nada. Duas vezes ele se levantou para mudar a posição de uma das cortinas. Foi ao armário várias vezes escolher pincéis e tintas. Eu via os movimentos dele como se estivesse na rua olhando pela janela.

O sino da igreja tocou três vezes. Pisquei. Eu não tinha sentido o tempo passar tão rápido. Era como se estivesse encantada. Olhei-o: ele agora me via. Estava me olhando. Quando nos olhamos, uma onda de calor passou por meu corpo. Continuei olhando até que finalmente ele tirou os olhos e pigarreou.

- Por hoje está bem, Griet. No sótão tem um osso para moer.

Concordei e saí da sala, o coração socando no peito. Ele estava me pintando.

(...)

- Tire a touca de cima do seu rosto - pediu ele, um dia.

- O rosto, senhor? - repeti feito boba e me arrependi.

Ele preferia que eu não falasse, só obedecesse. Se falasse, que fosse alguma coisa que valesse a pena. Ele não respondeu. Puxei o lado da minha touca que estava mais perto dele. A beirada engomada arranhou meu pescoço.

- Puxe mais para trás, quero ver a linha do seu rosto desse lado - disse.

Fiquei indecisa, depois puxei um pouco mais. Seus olhos percorreram o meu rosto.

- Mostre a orelha.

Eu não queria mostrar, mas não tinha escolha. Passei a mão por dentro da touca para ver se havia algum cabelo aparecendo e enfiei umas mechas atrás da orelha. Depois, puxei a touca para mostrar a parte inferior da minha orelha.

O olhar dele era como um suspiro, embora não fizesse nenhum som. Percebi um barulho na minha garganta e engoli de forma que não escapasse.

- A sua touca - disse ele. - Tire.

-Não.

-Não?

- Por favor, não me peça isso, senhor. - Deixei a touca cair, cobrindo de novo minha orelha e aquele lado do rosto.

Olhei para o chão, os azulejos cinza e brancos se estendendo à frente, limpos, um atrás do outro.

-Você não quer ficar sem a touca?

- Não, senhor.

- Você não quer ser pintada como criada, com o seu pano de limpeza e sua touca. Também não quer como uma dama, com cetim, pele, cabelo arrumado.

Não respondi. Não podia mostrar para ele o meu cabelo. Não era do tipo de moça que deixava a cabeça descoberta. Ele mexeu na cadeira e levantou-se. Ouvi-o no quarto de despejo. Quando voltou, trazia vários panos que colocou no meu colo.

- Bom, Griet, veja o que pode fazer com isso. Ache um pano para enrolar na cabeça de forma que você não fique nem uma dama nem uma criada. Não saberia dizer se ele estava achando ruim ou engraçado. Saiu da sala, batendo a porta. Olhei os panos. Havia três toucas, todas muito finas para mim e muito pequenas para cobrir toda a cabeça. E pedaços de tecido, sobras de vestidos e corpetes de Catharina, em vários tons de amarelo e marrom, azul e cinza.

Não sabia o que fazer. Olhei em volta como se fosse achar uma resposta no ateliê. Meus olhos logo bateram no quadro “A alcoviteira”: a jovem não usava nada na cabeça, seu cabelo estava preso com laços, mas a velha usava um pano enrolado na cabeça, traspassado atrás. Talvez fosse isso que ele quisesse, pensei. Vai ver, as mulheres que não são nem damas, criadas, nem a outra coisa devem usar o cabelo assim.

Peguei um pedaço de pano marrom e levei para o quarto de despejo, onde havia um espelho. Tirei minha touca e enrolei o pano na cabeça o melhor que pude, conferindo com o quadro para imitar o pano da velha. Fiquei bem estranha.

Eu devia deixar ele me pintar com um pano de limpeza, pensei. O orgulho me fizera presunçosa.

Quando ele voltou e viu o que eu tinha feito, riu. Não costumava rir: às vezes, ria com as crianças, uma vez com Van Leeuwenhoek. Fiquei séria. Não gostava que rissem de mim.

- Fiz só o que pediu, senhor - resmunguei.

Ele parou de rir.

- Tem razão, Griet. Desculpe. Agora que posso ver mais o seu rosto, ele é - parou, sem terminar a frase. Sempre penso no que ele ia dizer.

Ele foi até a pilha de panos que eu tinha deixado na minha cadeira.

- Por que você escolheu o marrom, se há outras cores? - perguntou.

Não queria falar outra vez em criadas e damas. Não queria lembrar a ele que os azuis e amarelos eram cores de damas.

- Marrom é a cor que costumo usar - respondi simplesmente.

Ele pareceu adivinhar o que eu estava pensando.

- Tanneke estava de azul e amarelo quando eu a pinte, alguns anos atrás - rebateu ele.
- Não sou Tanneke, senhor.
- Não, certamente não é. - Ele puxou uma comprida faixa azul. - Mesmo assim, quero que experimente este.

Olhei o pano:

- É pouco para cobrir minha cabeça.
- Então use este também. - Pegou um pano amarelo com uma barra do mesmo azul e me deu.

Indecisa, levei os dois panos até o quarto de despejo e tentei outra vez na frente do espelho. Prendi o pano azul na testa e enrolei o amarelo várias vezes, cobrindo o alto da cabeça.

Coloquei a ponta para dentro e arrumei as dobras, alisei o azul em volta da cabeça e voltei para o ateliê.

Ele estava olhando um livro e não percebeu quando sentei na cadeira. Fiquei como estava. Quando virei a cabeça para olhar sobre o ombro esquerdo, ele levantou os olhos. No mesmo instante, a ponta do pano amarelo soltou e caiu no meu ombro.

- Ah! - exclamei com medo que o pano caísse e mostrasse meu cabelo. Mas não caiu: só a ponta amarela se soltou.

Meu cabelo continuou preso.

- Isso. Isso mesmo, Griet. Isso - aprovou ele.

(...)

Ele não trabalhava no quadro todos os dias. Tinha de pintar o do concerto também, com ou sem a presença de van Ruijven e suas mulheres. Pintava em volta deles quando não vinham ou pedia para eu ficar no lugar de uma delas: a tocadora de espineta ou a mulher que cantava, olhando para um papel. Eu não usava as roupas delas para substituí-las. Ele precisava apenas que um corpo estivesse naquele lugar. Às vezes, as duas mulheres vinham sem van Ruijven: era quando ele trabalhava melhor. Van Ruijven era um modelo difícil. Eu ouvia a voz dele enquanto trabalhava no sótão. Não conseguia ficar sentado quieto, queria conversar e tocar o alaúde. Meu patrão era tão paciente com ele como com uma criança, mas às vezes eu sentia uma irritação em sua voz e sabia que naquela noite ele iria à taverna e voltaria com os olhos brilhantes como duas colheres.

No outro quadro, eu posava três ou quatro vezes por semana, uma ou duas horas de cada vez. Era a parte da semana de que eu mais gostava, com os olhos dele só em mim naquelas horas. Não me importava que fosse uma pose difícil de manter. Olhar de lado durante muito tempo me dava dor de cabeça. Não me importava também quando às vezes ele precisava mudar minha cabeça várias vezes para o pano amarelo balançar e ele pintar como se eu tivesse acabado de virar o rosto. Eu fazia tudo o que ele pedia. Mas ele não estava feliz. Passou fevereiro e chegou março, com seus dias de neve e sol, e ele não estava feliz. Trabalhava no quadro há quase dois meses e, embora eu não o tivesse visto, achava que estaria perto de terminar. Ele não pedia mais para misturar tintas, usava pequenas quantidades e fazia poucos movimentos com os pincéis. Eu achava que tinha entendido como ele queria que eu ficasse, mas depois fiquei em dúvida. Às vezes, ele apenas sentava e olhava para mim como se

esperasse eu fazer alguma coisa. Depois, não parecia mais um pintor, mas um homem, e era difícil olhar para ele.

Um dia, ele disse, de repente, quando eu estava posando:

- Isso vai agradar a van Ruijven, mas não a mim.

Eu não sabia o que dizer. Não poderia ajudá-lo, se não tinha visto o quadro.

- Posso olhar o quadro, senhor?

Ele virou os olhos para mim, curioso.

- Talvez eu possa ajudar - acrescentei, depois me arrependi. Tinha ficado muito ousada.

- Está bem - disse ele, um instante depois.

Levantei e fiquei atrás dele. Ele não se virou, ficou bem quieto. Ouvi sua respiração lenta e regular.

O quadro era diferente de todos os outros. Era apenas eu, minha cabeça e ombros, sem mesas nem cortinas, janelas ou pincéis de pó-de-arroz para amenizar e distrair. Tinha me pintado com meus olhos bem abertos, a luz batendo no meu rosto com um lado na penumbra. Eu estava de azul, amarelo e pardo. O pano enrolado na minha cabeça não me deixara parecida comigo, mas com uma Griet de outra cidade, talvez até de outro país. O fundo era preto, fazendo com que eu ficasse muito só, embora estivesse, evidente, olhando para alguém.

Parecia aguardar alguma coisa que não sabia se ia acontecer. Meu patrão estava certo: o quadro podia agradar a van Ruijven, mas faltava alguma coisa nele. Eu sabia antes de ele dizer. Quando vi o que faltava (aquele ponto brilhante que ele usara nos outros quadros para captar a visão), estremei. Isso vai ser o fim pensei.

Eu tinha razão.

(...)

Naquela tarde, arrastei-me escada acima e parei na porta do ateliê. Aquela não seria como das outras vezes em que posara.

Ele ia me pedir alguma coisa e eu estava em dívida com ele.

Abri a porta e entrei. Ele estava sentado no cavalete, estudando a cerda de um dos pincéis. Olhou para mim e notei no rosto dele uma coisa que nunca tinha visto. Estava nervoso. Foi isso que me encorajou a falar. Fiquei ao lado da cadeira onde posava e coloquei a mão numa das cadeiras cara-de-leão.

- Não posso fazer isso, senhor - falei, apertando o duro e frio entalhe do espaldar.

- Fazer o quê, Griet? - Estava realmente espantado.

- O que o senhor vai me pedir para fazer. Não posso usar isso. Criadas não usam pérolas.

Ele me olhou durante um bom tempo, depois balançou a cabeça algumas vezes.

- Como você é imprevisível. Sempre me espanta.

Passei os dedos pelo nariz e a boca do leão, subi até o focinho e a juba, macia e saliente. Os olhos dele acompanharam meus dedos.

- Você sabe de que o quadro precisa, a pérola reflete a luz. Não vai ficar completo sem isso - disse ele, baixinho.

Eu sabia. Não olhei muito para o quadro, era muito estranho me ver, mas percebi na hora que precisava do brinco de pérola. Sem ele, havia apenas meus olhos, minha boca, uma parte da minha camisa, o escuro atrás da orelha, tudo separado. O brinco juntaria tudo. Completaria o quadro.

E também me poria na rua. Eu sabia que ele não emprestaria o brinco de van Ruijven ou de van Leeuwenhoek, nem de qualquer outra pessoa. Tinha visto a pérola de Catharina e era aquilo que faria eu usar. Usava o que queria nos quadros, sem considerar as conseqüências. Era como van Leeuwenhoek tinha me avisado.

Quando Catharina visse o brinco no quadro, explodiria de raiva. Eu devia implorar para ele não acabar comigo. Em vez disso, argumentei:

- O quadro é para van Ruijven, não para o senhor. Será que tem tanta importância? O senhor mesmo disse que ele ficaria satisfeito. O rosto dele endureceu e eu sabia que tinha dito a coisa errada.

- Eu jamais terminaria um quadro se achasse que não estava completo, não importa para quem seja - disse ele.

- Não é assim que trabalho.

- Não, senhor. - Engoli em seco e olhei para o chão ladrilhado. Idiota, pensei, com meu maxilar endurecendo.

-Vá se arrumar.

De cabeça baixa, corri para o quarto de despejo onde guardava o pano azul e o amarelo. Nunca sentira tanta desaprovação nele. Achei que não ia agüentar. Tirei a touca e, vendo que a fita que prendia meu cabelo estava frouxa, soltei-o. Estava tentando prender o cabelo de novo quando ouvi um dos ladrilhos do ateliê estalar. Gelei. Ele nunca tinha entrado no quarto de despejo quando eu estava me trocando. Nunca tinha me pedido isso. Virei-me, com as mãos ainda no cabelo. Ele ficou na soleira, olhando. Abaixei as mãos. Meu cabelo caiu em ondas sobre os ombros, castanho como os campos no outono. Ninguém jamais vira, somente eu.

- O seu cabelo - disse ele. Não estava mais zangado.

Finalmente, com os olhos, ele me deixou prosseguir.

Depois que ele viu meus cabelos, depois que me revelei, achei que não tinha mais nada de precioso para esconder e guardar comigo. Poderia ser mais livre, senão com ele, então com outra pessoa. Não interessava mais o que eu fizesse ou não.

Naquela tarde, escapei da casa e encontrei Pieter, o filho, numa das tavernas onde os açougueiros bebiam, perto do Mercado de Carne. Sem dar atenção aos assovios e graçolas que ouvi, chamei-o. Surpreso, ele colocou sua caneca de cerveja na mesa e me acompanhou até a rua, onde segurei na mão dele e fui para o beco. Lá, levantei minha saia e deixei ele fazer o que quis. Segurei atrás do pescoço dele, deixei que encontrasse um jeito em mim e começasse a empurrar ritmadamente. Senti dor, mas, quando me lembrei de meus cabelos soltos nos

ombros, no ateliê, senti também algo parecido com prazer. Depois, de volta à Esquina dos Papistas, me lavi com vinagre. Fui olhar para o quadro e ele tinha acrescentado um cacho saindo do turbante azul, ao lado do meu olho esquerdo.